Psicologia.pt
ISSN 1646-6977
Documento publicado em 06.08.2017

A IDENTIFICAÇÃO DE ORIENTAÇÃO SEXUAL NA COMUNIDADE LGBT: GAYDAR

2017

Higor Ferreira da Silva
Estudante de graduação em psicologia da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda (FACHO), Brasil

E-mail de contato:
gui2490@hotmail.com

RESUMO

O problema desta pesquisa consiste em "como homossexuais masculinos percebem a orientação sexual de outros a partir do *gaydar*?" *Gaydar* seria um "radar gay", especialmente usado para identificar os homossexuais mais discretos. A iniciativa por este estudo resultou da insuficiência de informações e da ausência do posicionamento psicanalítico sobre o tema, tendo dado estes fatores origem ao objetivo geral do estudo: compreender o fenômeno gaydar relacionado aos homossexuais masculinos como um segmento ontogênico a partir do complexo de Édipo; bem como aos objetivos específicos: a) conhecer o fenômeno gaydar, as formas e elementos de identificação homossexual; b) explicar a funcionalidade do complexo de Édipo para a orientação sexual; c) avaliar os elementos de identificação homossexual a partir do complexo de Édipo. Aqui não devemos apenas pensar no complexo de Édipo como uma finalidade relacionada à definição de orientação sexual, mas pensa-lo como uma forma de detectar essa orientação. O principio e autenticidade desse "radar" parte de um desejo de reconhecer no outro um pouco de si mesmo. Para este fim, utilizou-se uma abordagem de pesquisa qualitativa mediante o método bibliográfico e descritivo. A partir disso pode-se ampliar o campo da psicologia com esta temática, fornecendo subsídios, inclusive de caráter interventivos, onde houve contribuições não apenas para ciência, mas também para a sociedade que desconhece o assunto.

Palavras-chave: Gaydar, identificação, homossexualidade, psicanálise.

Copyright © 2017.
This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

INTRODUÇÃO

A maioria das pessoas que possui amigos homossexuais já ouviu destes expressões como "consigo identificar quem é gay de longe" ou simplesmente a afirmação "ele é gay", sem mesmo aquele sujeito expressar traços comportamentais característicos da homossexualidade, chegando a acertar esta afirmação não uma ou duas vezes, mas quase todas as vezes que se repete a situação.

O que parecia um palpite qualquer de um amigo causa espanto nas pessoas. É neste âmbito que se define aqui o problema de pesquisa: "como homossexuais masculinos percebem a orientação sexual de outros a partir do gaydar?" Será um novo tipo de inteligência? Um sexto sentido? Como a ciência olha para esse fenômeno?

Em 2008, Nicholas Rules e Nalini Ambady, ambos psicólogos, promoveram estudos sobre o fenômeno denominado gaydar, visando a expressão facial dos sujeitos homossexuais nesse tipo de identificação e assim tiveram grandes contribuições para ciência. Posteriormente, em 2012, os psicólogos Vivian Zayas e Joshua Tabak, embasados nos autores anteriormente citados, deram continuidade à discussão, ampliando o campo da psicologia para resolução do problema. Em 2010, Lorenza Colzato, psicologa e professora da universidade de Leiden, concluiu que os homossexuais não só analisam situações como um todo e sim cada detalhe particularmente, o que os leva a identificar outros através de dicas subliminares que um heterossexual não enxerga, isso explica o porquê do amigo gay da sua amiga, notar que ela cortou um dedo do cabelo e você não (PUCCI, 2010).

A justificativa deste estudo destaca-se mediante interrogações feitas acerca do problema e a insuficiência de informações acerca do fenômeno, não discordando das resoluções anteriormente citadas, onde aborda-se a percepção das expressões faciais como uma das variáveis para explicação do fenômeno, todavia propondo para além dessa perspectiva a existência de algo por trás de mera observação, algo que se pensou através do aporte teórico psicanalitico, com isto percebido, apresenta-se o objetivo geral deste estudo: compreender o fenômeno gaydar relacionado aos homossexuais masculinos como um segmento ontogênico a partir do complexo de Édipo; e objetivos específicos: a) conhecer o fenômeno gaydar, as formas e elementos de identificação homosexual; b) explicar a funcionalidade do complexo de Édipo para a orientação sexual; c) avaliar os elementos de identificação homossexual a partir do complexo de Édipo. Esta proposta desviará um pouco da perspectiva dos estudos anteriores que visaram a expressão facial como um fator determinante para um homossexual identificar outro.

Com este referencial busca-se aprofundar a discussão desta tematica no campo da psicologia e psicanálise, buscando responder os questionamentos, duvidas e dar sentido aquilo que é desconhecido pelas pessoas acerca do tema. Este estudo além de ser uma contribuição cientifica busca possibilitar a compreensão de nossos leitores. A partir da investigação de causas e aspectos, usando o complexo Édipo na busca dos traços da homossexualidade adquiridos no

passado. Este estudo criará subsídios para estimar o conhecimento sobre o tema, abordando de maneira mais clara quais processos percorrem esse fenômeno.

O complexo de Édipo é a chave principal para identificação/percepção dos traços homossexuais. Cabe deixar claro que este estudo não busca estereotipar os homossexuais somando orientação sexual e identidade de gênero como uma só coisa, afeminando-os. Porém não se pode dispensar o estudo dessa perspectiva, que aqui será investigada e visada, como uma manifestação social da homossexualidade.

Aqui não devemos apenas pensar no complexo de Édipo como uma finalidade relacionada a orientação sexual, mas pensa-lo como uma forma de detectar essa orientação. O principio e autenticidade desse "radar", parte de um desejo de reconhecer no outro um pouco de si mesmo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Gaydar: as formas e elementos de identificação homossexual

Gaydar, como assim chamado, é a capacidade de uma pessoa perceber se a outra é homossexual ou não. Seria um "radar gay", especialmente usado para identificar os homossexuais mais discretos. É socialmente disseminado, a partir da compreensão do fenomêno pelo senso comum, que a maior parte dos próprios gays o tem e conseguem achar uma pessoa com a mesma orientação sexual no meio de uma multidão. Isto gera tanta discussão e questionamentos que cientistas holandeses resolveram por a prova (Pucci, 2010). Será que dizer que é possível saber que alguém é gay só de olhar para ele é preconceito? Os pesquisadores acham que não. Sabemos que alguém é homem ou mulher só de olhar para ele, ou que alguém é branco ou negro só de olhar para ele, então deveria ser a mesma coisa para a orientação sexual (Martins, 2012).

Em janeiro de 2008, investigou-se a capacidade das pessoas para identificar homossexuais masculinos a partir de imagens de seus rostos sozinhos. No experimento inicial, os pesquisadores Nicholas Rule e Nalini Ambady da *Tufts University* pesquisaram sites de namoro online e cuidadosamente foram selecionados 45 rostos masculinos heterossexuais e 45 homossexuais masculinos. Todas estas fotos foram pareadas por orientação, incluindo a falta de alterações faciais (nas imagens as pessoas não continham jóias, óculos, pelos faciais, piercing, ou qualquer outro atributo cultural). Para controlar o contexto, os rostos, também foram cortados e colados em um fundo branco para o estudo. Estes 90 rostos foram então mostrados para 90 participantes em ordem aleatória, que foram convidados simplesmente para julgar "a provável orientação sexual" do alvo (gay ou hétero) pressionando um botão. Surpreendentemente, todos os participantes (homens e mulheres) pontuaram acima das chances que possuiam à esta tarefa, ou seja, identificar corretamente "os rostos alegres". Ainda mais surpreendente, a taxa de precisão foi tão boa, quando as imagens

foram expostas a uma taxa rápida de apenas 50 milissegundos, que ofereceu aos participantes nenhuma oportunidade para processar conscientemente a foto (Bering, 2009).

Em 2010 numa pesquisa, participaram 42 voluntários héteros e homossexuais, de ambos os sexos, cuja tarefa era simples. Analisar retratos de figuras geométricas como grandes quadrados e retângulos. Cada uma dessas figuras era preenchida com outras figuras. O cérebro humano geralmente só enxerga o detalhe maior, ou seja, quando uma pessoa vê um quadrado preenchido por retângulos, ele acaba achando que a figura interna é um quadrado. Quando homens e mulheres passam por esse teste, os homens heteros acabam respondendo muito mais rapidamente, mas erram mais. Mulheres e gays acabam demorando mais para responder, porem dão respostas mais precisas, justamente porque prestam mais atenção nos detalhes (PUCCI, 2010). Assim observou-se que os homossexuais não só analisam a situação como um todo, mas como cada detalhe em si, o que os leva a identificar outros gays através de dicas subliminares que um heterossexual não enxerga. A líder da pesquisa, Lorenza Colzato da Universidade de Leiden, na Holanda, afirmou que esta foi a primeira vez que o mecanismo do gaydar entre os homossexuais foi analisado e confirmado pela ciência. Isso pode explicar, um gay perceber que alguem cortou um dedo de cabelo, e outras pessoas não (Pucci, 2010).

A pesquisa com os psicólogos Vivian Zayas e Joshua Tabak, decorrente dos estudos de Nicholas Rule e Nalini Ambady, mostrou que as pessoas são capazes de julgar a orientação sexual de rostos com precisão superior e não por acaso, mas pouco se sabe sobre como esses julgamentos são formados. Investigou-se a importância dos mecanismos de processamento de rosto bem estabelecidos em tais julgamentos: o processamento *featural* (por exemplo, um olho) e processamento *configural* (por exemplo, a distância espacial entre os olhos) (Zayas & Tabak, 2012). Os participantes julgaram a orientação sexual de rostos, apresentados em 50 milissegundos tanto na posição vertical, que recruta o processamento configural e featural, ou de cabeça para baixo, quando o processamento configural é fortemente prejudicado e processamento featural permanece relativamente intacto. Embora os participantes julgassem mulheres e orientação sexual dos homens com precisão superior à chance para caras verticais e os rostos de cabeça para baixo, a precisão para rostos de cabeça para baixo foi significativamente reduzida. A precisão de julgamento reduzida para rostos de cabeça para baixo indica que o processamento rosto configural contribui significativamente para julgamentos precipitados precisas de orientação sexual (Zayas & Tabak, 2012).

As autoras Azevedo e Dieguez em seu livro, buscam fornecer dicas à mulheres, de como descobrir se o seu parceiro que atualmente diz-se heterossexual é gay, através de situações vividas e presenciadas no cotidiano. Assim como dito em seu referencial, trata-se de um guia pratico de como identificar um gay no armário. Desviando-se da ideia das autoras, aqui algumas abordagens comportamentais citadas à luz do livro, serão descritas como uma forma social de manifestação da homossexualidade, de um modo geral não fazendo referencias exclusivamente a homossexuais reprimidos, merecendo um olhar critico quanto à estes comportamentos. Por conseguinte será aqui

comtemplada essa perspectiva a partir de 2 peneiradas (termo usado pelas autoras para designar dicas). Essas dicas devem ser entendidas como "elementos estratégicos" que permitem realizar o *outing* (ato de revelar a orientação sexual de uma pessoa homossexual, assexuada, bissexuais ou transgêneros ou identidade de gênero sem o consentimento da pessoa), ou seja, aquilo que identifica a homossexualidade no outro e estabelece um sistema de vigilância e, obviamente, de poder (Foucault, 2006 *apud* Martins, 2012).

> Maia, uma amiga já alertada para a maldição da marca, foi almoçar num restaurante chiquérrimo com o ex-marido. Ela conta: quando ele sacou a carteira para pagar a conta, dei um grito. Veio garçom, gerente, até um cliente se aproximou para saber o que tinha acontecido. Café pelando no meu vestido de seda? Uma arma apontada sob a forma de uma carteira? Ou, pior, uma barata? Eu histérica, só sabia repetir: "Você está usando uma carteira Praaaaaaaaaaada!!!! Ninguém em volta entendeu nada. Eu, porém, diante do objeto identificado pelo triângulo de metal, confirmei as suspeitas que vinha levantando havia tempos. Meu ex é gay. A carteira era o que faltava para fechar (Azevedo & Dieguez, 2010, p. 30-31. *apud* Martins, 2012).

No primeiro momento é instigada a percepção para o armário do sujeito, "o que os gays usam" quais acessórios eles utilizam diariamente e como se vestem. Elas dizem que homens com gosto por acessórios de grife ou gosto por fazer compras podem ser "homens no armário" (Martins, 2012). Porém essa visão trata-se de um modelo comportamental arcaico e ultrapassado, construído pela sociedade machista existente atualmente, onde com isso reproduzem a ideia de que heterossexuais devem ser "desajeitados e largados" onde aquele que é visto a contrario disto é tido como homossexual. Compreende-se a personalidade como dinâmica e não se pode reduzi-la a meros comportamentos, rotulando o sujeito.

Esses elementos estratégicos (acessórios de grife, por exemplo), referem-se aos bens de consumo necessário para performar um "estilo de vida gay". Consumo de roupas, artigos e acessórios são atribuídos ao "estilo gay", vinculando identidade e capitalismo consumista (D'Emilio, 1997; Nunan & Jablonski, 2002; Nunan, 2003 *apud* Martins, 2012)

> Ainda estamos na segunda peneirada, quando a vaidade salta pelos poros, sem camuflagem. Então, ponha sua roupinha de ginástica e vamos dar um pulo na academia. Ali, entre aqueles gatos sarados com "six packs" – o quê, você não sabe o que são *six packs*? São, na definição dos próprios gays, aqueles gominhos maravilhosos que fazem a famosa barriga de tanquinho. Pois conforme-se: você vai encontrar pouquíssimos tanques onde lavar sua lingerie. Sentimos decepcioná-la, mas dificilmente eles são cultivados para agradar a nós, mulheres. Muito

> menos os trabalhados em academias, onde você eliminará boa pena desses Apolos que nunca convidarão para seus Olimpos (Azevedo & Dieguez, 2010, p. 46 *apud* Martins, 2012).

Neste segundo momento levanta-se a tese de que os gays preocupam-se muito com o corpo, por isto, malham excessivamente para manter um corpo belo e saudável. Aborda-se que os gays são super narcisistas e se preocupam neuroticamente com o corpo além de sempre serem percebidos como homens bonitos (Martins, 2012). "O sujeito é super macho, nenhuma pinta. Mas, nas festas bebe água. Querem saber por quê? Para hidratar a pele. Eles não bebem para não engordar. Gay não relaxa, por isso são lindos e não têm barriga" (Azevedo & Dieguez, 2010 p. 50 *apud* Martins, 2012). Elas ainda dão dicas dizendo: "Desconfiem de homens muito gentis, muito solícitos, muito parceiros, aqueles que tratam você como amiga. É o parceiro que nunca avança" (Azevedo & Dieguez, 2010 p.50 *apud* Martins, 2012). A mídia faz uso de uma bio-política para a obtenção de um corpo ideal, um corpo que seja ao mesmo tempo saudável e desejável. Esse corpo idealizado torna-se "mercadoria de consumo e desejo". É visto que ao descreverem certos "estilos de ser gay e ter um corpo gay", elas operam o controle dos corpos e ao mesmo tempo criam a idealização de um corpo gay e saudável (Foucault, 2006 apud Martins, 2012).

Apesar de serem variáveis importantes, neste momento tenta-se utilizar da diferença entre uma educação para expressividade de afetos onde os que a seguem são rotulados como homossexuais, e uma educação para héteros culturalmente construída. Neste segundo tipo de educação a sociedade busca instruir desde criança, a separação entre as formas que um hetero deve lidar com a vida e diante de seus problemas, sabendo descriminar brincadeiras e formas de expressar o seu afeto entre as relações interpessoais, são frases como "homem não chora" que resulta num comportamento hostil que é visto pela sociedade como o modo correto de um heterossexual ser e quando contrario a isto é visto como gay. Quanto a performar o corpo, embora a mídia se utilize disso como uma forma de despertar o desejo e atenção da sociedade, existem as mais variadas situações, motivações e aspirações para cultuar o corpo, não especificamente deve-se referir a homossexualidade.

2.2 A funcionalidade do complexo de Édipo para a orientação sexual

Para construir o conceito de Complexo de Édipo, Freud utilizou-se da mitologia grega, mais especificamente do teatro, escrito por Sófocles chamado "Édipo Rei".Este mito relata a história de Laio, rei de Tebas, que havia sido avisado por um Oráculo sobre seu futuro maldito, onde ele seria assassinado por seu próprio filho que se casaria com sua mulher, ou seja, a mãe deste. Para evitar este acontecimento, Laio abandona a criança num lugar distante, perfurando seus pés com pregos, para que morresse. Um pastor encontra a criança e lhe dá o nome de Edipodos (pés-furados). A mesma criança, mais tarde é adotada pelo rei de Corinto. Ao consultar o oráculo, Édipo recebe a mesma mensagem que seu pai Laio recebera anos antes, mas, acreditando que se tratava dos pais

adotivos, Édipo foge de Corinto. No decorrer de sua fuga, Édipo se depara com um vários negociantes e seu líder, e acaba por matá-los todos em uma briga, não sabendo que esse líder era Laio, seu pai. Ao chegar a Tebas, Édipo decifra o enigma da Esfinge e livra a cidade de suas ameaças, assim assume o trono de rei e a mão da rainha Jocasta, agora viúva. Os dois se casam e têm quatro filhos. Anos depois, uma peste assola à cidade, Édipo e Jocasta consultam o oráculo para resolverem essa questão e acabam por descobrir que são mãe e filho. Jocasta suicida-se e Édipo fura os próprios olhos como punição por não ter reconhecido a própria mãe (Ferrari, s/d)

A criança quando possui dois ou três anos de idade, vivencia a fase fálica, esta responsável pela descoberta do órgão sexual e desenvolvimento libidinal. Este período, é também caracterizado pela tarefa fundamental de encontrar um objeto de amor que estabelecerá formas posteriores de escolha de objetos na vida adulta (Portal educação, 2013). A criança sente sensações prazerosas em seu órgão sexual e aprende a expressar essas sensações à vontade. O menino descobre que possuí-lo pênis e sente orgulho de possui-lo e dessa forma mantêm uma paixão inconsciente pela mãe resultante da ligação e dos cuidados maternos sempre estabelecidos, esta se torna objeto de prazer do filho. O menino sempre procura estar na frente do pai, seduzindo a mãe a partir do manuseio do órgão sexual. Quando percebe a função do pai em relação a mãe, entra num conflito de amor e hostilidade pela função paterna (Freud, 1975/1939).

Acima vemos fortemente que o infans (criança) é um ser relacional e em comunicação, ele através da sua experiência com o mundo exterior, introjeta representações, essas impressões compõem marcas somato-psiquicas que resultam na estruturação do sujeito. A partir do conhecimento do mundo, através do corpo, torna-se sujeito funcional. Essas impressões são deixadas a partir do contato com o outro, numa relação tonificada, com palavras, gestos, olhares, dentre outros, que estão associados a vivencia corporal que posteriormente resultam na imagem inconsciente do corpo. Diante disso ocorre uma parceria psicossomática, onde a partir deste conhecimento do sujeito ao mundo, alojaria a psique no corpo, esses que antes eram indiferenciados, lembrando que o alojamento surge principalmente a presença do tônus existente entre um contato com o outro, (estado de presença- ausência) que vai proporcionar uma marca simbólica (Silva, 2016). As experiencias de prazer e desprazer, obtidas no corpo através do social, possibilitam a construção do psiquismo e personalidade do sujeito, tendo em vista que todas as experiencias exteriores perpassadas na infância são amazenadas no inconsciente de maneira individual e representativa, posteriormente reproduzindo variados comportamentos no decorrer de toda a vida.

Durante a fase fálica, levando em conta a mitologia do complexo de Édipo, chega o período em que a mãe estabelece limites para sedução do filho, e o ameaça contar sobre seus atos para o pai, que o ameaçara de castração, que simboliza uma ruptura na fixação do filho pela mãe, fazendo-o compreender o principio de realidade. A criança a partir do temor e dos conflitos entre ódio e amor a este pai, abre mão da paixão pela mãe em prol da preservação do falo, como representação da possibilidade incestuosa. Constatada essa impossibilidade, realizada pelo pai, o menino passa a

direcionar sua energia psiquíca à identificação com este pai, verdadeiro detentor do falo que pode dar prazer e relacionar-se amorasamente com a mãe. Por consequência disso o menino se identifica com a força e poder de imposição de leis, daquele que exerce a função paterna, que o convoca para uma sociedade demarcada por leis, para além do desejo materno. (Freud, 1975/1939). Decorrente do exercício de ambas funções, o sujeito identifica-se com os traços que lhe correspondem sexualmente, seguindo uma ordem tida como "normativa". Durante esse processo podem ocorrer maior identificação e fixação no objeto libidinal de primeira ordem (menino/mãe). Quando não ocorre essa imposição de funções é dada ao sujeito uma nova ordem desejante atrelada a sua orientação sexual.

Compreender um fenômeno na comunidade LGBT é implicar-se com os sujeitos que compõem esta realidade. Segundo este complexo a origem da homossexualidade masculina em grande quantidade de casos, é a seguinte: um jovem estar inusitadamente e por longo tempo fixado em sua mãe, no sentido do complexo de Édipo, e finalmente após o termino da puberdade, chega a ocasião de trocar a mãe por algum outro objeto sexual. Nesse período o jovem não abandona a mãe, identifica-se com ela; transforma-se e procura então objetos que possam substituir o seu ego (mãe) para ele, objetos aos quais possa conceder um amor e um carinho iguais aos que recebeu de sua mãe (Freud, 1976/1922). Todos nós, se identificamos com aqueles que exerceram função em nossa constituição. Traços maternos e paternos embasaram o campo da nossa identificação e a partir dele re-encenaremos o édipo não mais relacionados aos objetos primários, mas a todos que de alguma forma possam representá-los no social.

Mesmo abrangente, quando se fala de sexualidade, a literatura psicanalítica nos fornece dados em que o sujeito é visto de forma submissa as representações das vivencias infantis intojetadas, e que irá refletir posteriormente em suas atitudes na busca de um novo objeto libidinal. Isto por que na psicanalise os processos que constituem o sujeito é tido de forma inconsciente. Esta perspectiva teórica postula a busca posterior por um objeto de correspondência assim como vivido no complexo de Édipo, e não um modelo comportamental. Sendo assim não sabemos de um homossexual se o comportamento expresso é decorrente de traços introjetados no complexo de Édipo ou decorrente de uma "cultura" LGBT (socialmente aprendido). Atualmente é visto que existem formas variadas de manifestações comportamentais entre os homossexuais decorrentes de um leque de motivações (época, mídia, status), como também os mais variados conflitos entre aquele que é gay por que apresenta o comportamento X, e aquele que não é gay mesmo apresentando o comportamento X, mais que é classificado dessa forma em decorrência também de uma cultura machista atualmente retratada.

2.3 Elementos de identificação homosexual a partir do complexo de Édipo

O eu, como percebemos, necessita do contato com o outro para desenvolver-se. Inicialmente,

através de uma identificação primária, ele incorpora características externas ao seu ego, assim como ocorre no complexo de Édipo. Essa reorganização relativa às identificações, que impõe a elaboração do luto das figuras parentais da infância, é indispensável para a consolidação do processo subjetivo do adolescente. No entanto, ela também contribui para o enfraquecimento narcísico do sujeito. Os objetos originários ocupam até então, um lugar de certeza, idolatria e onipotência; é preciso, porém desinvesti-los, para investir na dúvida que os novos objetos representam. Estamos mais uma vez diante da evidência de que a fragilização narcísica na adolescência é um "mal necessário" (Bergamo & Rezende, 2006). O investimento em novos objetos, em modelos divergentes dos parentais, implica o reconhecimento destes como alteridade digna de se desejar. Para que este investimento seja possível, o Ego precisa desamarrar-se do passado e do presente, admitir transformações, admitir dúvidas, e, principalmente, admitir a existência de falhas no sujeito. (Bergamo & Rezende, 2006).

Na adolescência a renúncia aos objetos de desejo incestuosos, comporta significativo remanejamento do referencial identificatório. Ainda assim, as primeiras figuras objetais de prazer são mantidas como apoio, dada que a permanência das identificações primárias assegura a continuidade do ser. Para que o adolescente possa remanejar para novos objetos o investimento dos objetos primários, isto é, para que possa estabelecer identificações secundárias que lhe permitam forjar uma identidade adulta, é indispensável a construção de outros modelos, diferentes dos parentais (Knobel, 1981; Cardoso, 2001; Pinheiro, 2001 *apud* Bergamo & Rezende, 2006).

> Como indica Costa (1988, *apud* Bergamo & Rezende, 2006),mais uma vez apoiando-se nas formulações freudianas, a instância que abriga os modelos que serão investidos libidinalmente, instância que remete ao futuro, ao devir do sujeito e, portanto, à sua falta, é denominada Ideal do Ego. Esta expressão surge em Freud no texto dedicado ao conceito de narcisismo (Freud, 1914/1976b *apud* Bergamo & Rezende, 2006) "para designar uma formação intrapsíquica relativamente autônoma que serve de referência ao ego para apreciar as suas realizações efetivas" (Laplanche & Pontalis, 1982/1998, p. 222 *apud* Bergamo & Rezende, 2006).

A edificação de novos modelos requer que o sujeito possa desprender-se do passado, de seu corpo infantil, dos pais da infância, apostando no futuro, no próprio vir a ser. É possível perceber, outra vez, que a alteração da composição egóica se impõe, acometendo o narcisismo. Trata-se de um momento de extrema fragilidade, incerteza, impotência, repetição da vivência do desamparo diante do qual a autodefesa narcísica é acionada. O Ego, angustiado, porque ameaçado em sua integridade, recorre ao seu outro especular, o Ego Ideal, buscando restaurar a onipotência infantil (Bergamo & Rezende, 2006). No período da adolescência observa-se uma fase de “homossexualidade”, em que as meninas convivem com suas amigas intimamente, trocando

confidências e os meninos buscam parceiros para brincadeiras e vivências (Taquette; Vilhena & Santos, 2005).

Acontecem na adolescência a revivescência do complexo Édipo e o desprendimento dos filhos em relação a os pais, além disso, é nessa hora que o sujeito passa a perceber os novos modelos secundários na qual irá se identificar. Em alguns casos o rapaz se torna homossexual. Freud trabalhava essa questão com a noção de narcisismo, muito relacionada ao tipo de escolha homossexual. Alguns dos elementos essenciais para uma teoria do narcisismo, a ideia do eu como objeto de amor, o postulado de uma identificação como base do narcisismo e, ainda, a relação desses com as escolhas amorosas (Roza, 1988 *apud* Portal educação, 2014).

No Édipo homossexual, o adolescente antes de identificar-se com outros modelos previamente possuía a figura da mãe introjetada, que apesar da sua orientação sexual não estar totalmente definida, irá refletir na sua personalidade. Esta introjeção ocorreu a partir do complexo de Édipo infantil como já visto, e refere-se a os traços e tendências femininas da mãe herdadas pelo filho. Por conseguinte do rompimento dos pais com os filhos, busca-se figuras que "substituam-nos".

Na homossexualidade supõem-se a busca por sujeitos do sexo masculino, não por estes sujeitos serem semelhantes à mãe introjetada, mas com elementos que marcam a busca pelo falo castrado no Édipo. Por exemplo: a menina que se identifica com a mãe para seduzir o pai com os elementos daquela que dá prazer ao pai, ou o menino, que, identifica-se com o pai, detentor do falo idealizado, como forma de seduzir a mãe. Na homossexualidade neurótica, o que acontece é a identificação do sujeito com os traços daquele(a) que possui ou não o falo, seja porque de fato o tem (no caso da menina "homossexual" que se identifica com traços do pai), ou seja porque precisa ir ao encontro daquele(a) que pode dá-lo (o menino "homossexual" que se identifica com traços da mãe). Isso, claro, será revisto e consolidado na adolescência, porque apenas isto não configura uma homossexualidade, heterossexualidade ou bissexualidade. Apenas configura traços de identificação, formas sintomáticas de ser no mundo.

Na adolescência, na convivência dos pares e da sociedade, o sujeito assumirá uma posição sexual, a partir de toda essa revivescência edípica em função dos outros sociais. Assemelhar-se com a mãe ou com o pai não sustenta a constituição de uma identidade sexual homoafaetiva, pois os traços identificatórios acontecem a partir de ambos, são revistos e validados na adolescência agora em nome próprio em função da convivência com os pares e com os outros. Essa seria a grande hipótese do gaydar, onde como já dito O principio e autenticidade desse "radar", parte de um desejo de reconhecer no outro um pouco de si mesmo. Os estereótipos sociais da homossexualidade correspondem bem para que o gaydar funcione más ainda possuem uma grande margem de erro. Vale ressaltar que em decorrência do gaydar, a partir desse reconhecimento do sujeito homossexual, ocorrem varias outras identificações grupais, que passam a fortalecer o ego do sujeito e constituir sua identidade.

METODOLOGIA

Para a realização deste referencial, utilizou-se da abordagem da pesquisa qualitativa mediante o método bibliográfico. O método bibliográfico além de possuir finalidade de apresentar-nos fontes, que existem designadas para construção de uma nova realidade relevante ao tema, pode-se descobrir se a proposta estabelecida existia ou não como referencial cientifico. Além disso, enveredou-se na pesquisa descritiva, onde esta possui como objeto primordial a descrição de características de determinada população ou fenômeno, ou mesmo estabelecimento de relações entre variáveis e a natureza desta. Inúmeros são os estudos que podem ser classificados sob esse titulo e uma de suas características mais significativas esta na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados (Gil,1989). Para este fim buscou-se coletar dados levando em conta referencias em artigos, revistas eletrônicas, dissertações, como também livros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz da psicanalise, a homossexualidade compreende um sujeito que possui traços maternos introjetados inconscientemente decorrentes de um complexo de Édipo, onde posteriormente esses traços serão expressos na identidade. Após a revivescência do complexo de Édipo na adolescência, os homossexuais buscam esses traços na sociedade mediante uma situação de desconhecimento de si mesmo, ou seja, o que é expresso no outro (traços maternos) que não possuímos nível de consciência para conhecer em mim? (mãe introjetada). Esse processo em maior parte é inconsciente onde aquele que se utiliza do gaydar não sabe explicar nem o porquê disso, só consegue a nível consciente perceber o outro como igualdade e correspondência (traços maternos). Diante de vários posicionamentos e discussões acerca desta temática, é visto que a visão prevalentemente influente é a da cultura machista, embora faça sentido, onde existem estudos que mostram que os homossexuais analisam as situações por partes, dando resultado a uma percepção focal e profunda, onde dentro disto estão as manifestações sociais da homossexualidade. Porém essa visão perde seu prestigio quando busca rotular e descriminar comportamentos heterossexuais e homossexuais, sendo uma visão um tanto arcaica e reducionista, não dando espaço para variadas motivações e construções que poderiam reproduzir comportamentos diferentes. Além disso ate que ponto o que percebemos no outro é verídico ou fruto de interferências provenientes de nossas projeções e insatisfações? Onde interferências como essa somada a percepção, acarreta em conflitos entre aquele que acredita que “detecta” e entre o suposto “detectado”.

REFERÊNCIAS

Autor desconhecido. **Psicanálise: Fase fálica**. 2013. Portal educação. Disponível em: https://www.portaleducacao.com.br/psicologia/artigos/46957/psicanalise-fase-falica> Acesso em: 24 de fevereiro de 2017.

Autor desconhecido. **O complexo de édipo.** 2014. Portal educação Disponível em: < https://www.portaleducacao.com.br/psicologia/artigos/53912/o-complexo-de-edipo > Acesso em: 24 de fevereiro de 2017.

Azevedo, T.; Dieguez, C. **Cuidado! Seu príncipe pode ser uma cinderela: guia pratico para identificar um gay no armário**. Rio de janeiro: BestSeller, 2010.

Bergamo, B. S.; Rezende, M. C. **Adolescência: ato e atualidade**. Fortaleza; Rev. Mal-Estar Subj. v.6 n.1, p.15-43, março de 2006. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482006000100003 > Acesso em: 13 de março de 2016.

Bering, J. There's Something Queer about That Face Without being aware of it, most people can accurately identify gay men by face alone. Fevereiro de 2009. Disponível em: < http://blogs.scientificamerican.com/bering-in-mind/something-queer-about-that-face/> Acesso em: 13 de março de 2016.

Colzato, L. S.; Hooidonk, L. van, et. al. **Sexual orientation biases attentional control: a possible gaydar mechanism**. Front. Psychol, maio de 2010. Disponível em: < http://journal.frontiersin.org/article/10.3389/fpsyg.2010.00013/full > Acesso em 15 de março de 2016.

Eloí. J. **Projeção: As coisas não são como são! São como somos!**. Outubro de 2012. Disponível em: <http://www.psicologiafree.com/curiosidades/projecao-as-coisas-nao-sao-como-sao-sao-como-somos/ > Acesso em: 18 de março de 2016.

FERRARI, Juliana Spinelli. **Complexo de Édipo**. Brasil Escola. Disponível em <http://brasilescola.uol.com.br/psicologia/complexo-edipo.htm>. Acesso em 05 de julho de 2017.

Freud, S. **Além do principio de prazer**. Rio de janeiro: Imago, 1976.

Freud, S. **Moisés e o monoteísmo**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Gil, A.C. **Metodos e técnicas de pesquisa social**. 6° ed. São Paulo: Atlas, 2008.

Martins, R. Podemos dizer se uma pessoa é homossexual só de olhar para ela?. Junho de 2012. Disponível em: <http://www.ufologiaobjetiva.com.br/podemos-dizer-se-uma-pessoa-e-homossexual-so-de-olhar-para-ela/> Acesso em 15 de março de 2016.

Martins, M. N. J. **A performatividade do gaydar no livro "cuidado! Seu príncipe pode ser uma cinderela. Guia prático para identificar um gay no armário"**. 2012. 181f. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Goias, Goiânia.

Pucci , C. R. S. **Ciência mostra que o "gaydar" existe mesmo**. Junho de 2010. Disponível em: < http://vidaeestilo.terra.com.br/homem/ciencia-mostra-que-o-gaydar-existe-mesmo,a91875844d137310VgnCLD100000bbcceb0aRCRD.html > Acesso em 13 de março de 2016.

Silva, E. Z. P. da. **A constituição do sujeito**. 2016. Disponível em: < http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1023.pdf > Acesso em: 25 de outubro de 2016.

Tabak, J. A.; Zayas, V. **The Roles of Featural and Configural Face Processing in Snap Judgments of Sexual Orientation**. Journal, plos one, v.1, p. 1-7, maio de 2012. Disponível em: <http://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0036671 >Acesso em: 13 de março de 2016.

Taquette, R. S.; Vilhena, M. M. et.al. **Relatos de experiência homossexual em adolescentes masculinos.** Rio de Janeiro; Ciênc. saúde coletiva v.10 n.2, p.399-407, Abril/junho de 2005. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000200018 > Acesso em: 18 de março de 2016.